

JOAQUIM MAGALHÃES

---

ESBOÇO DO PERFIL LITERÁRIO

DE

TEIXEIRA GOMES



FARO / 1960

.F.  
134.3.09  
- R



Senhoras e senhores:

*«Eu sempre fui um homem de desordenado viver e pensar (...) e não levo jeito nenhum de tomar melhor caminho, começo a nutrir sérias apreensões acerca dos dias que me esperam; são capazes de me não deixarem festejar o meu próprio centenário, no que eu punha certo empenho, pois era o mais bonito número do meu programa».*

Com estas palavras concluía Teixeira Gomes uma carta a António Patrício, duplamente seu colega na literatura e na diplomacia; tinha o escritor 67 anos e ainda 14 para viver.

Teimaram, porém, os fados em confirmar tais apreensões, pois aqui estamos, sem ele, a dar, de certa maneira, cumprimento a esse «*empenho*», mas aproveitando apenas a sugestão, porquanto, mais do que para isso, foi para cumprir o dever, indeclinável, de homenagear a memória ilustre do mais ilustre filho desta cidade, que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara aqui nos congregou.



Bem haja, portanto, V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente do Município por nos ter lembrado esse dever, ao convocar-nos para esta sessão, dando-nos, ao mesmo tempo, azo a que se satisfaça, num ambiente de carinhosa e esclarecida admiração, o bem humorado — ou melancólico? — *empenho* do escritor que, faz hoje exactamente cem anos, viu a luz do dia, nesta luminosa cidade que ele tanto amou.

Só receio que V. Ex.<sup>as</sup>, minhas Senhoras e meus senhores, possam correr o risco irremediável de não corresponder a parte do programa que me foi distribuída àquilo com que por ventura contavam. Se assim suceder, o que muito me pesará, será minha a culpa de não sair «*bonito*» este número da festa. Mas eu ousou esperar da vossa benevolência, e com novos motivos, aquela mesma espontânea indulgência que já noutras ocasiões me tem sido concedida. E assim, confiado na vossa generosidade, faço votos por que a memória do artista magnífico, que viemos saudar e louvar, não fique muito afectada pelas deficiências inevitáveis de um estudo que me atrevi a tentar, a fim de corresponder ao cativante convite do Sr. Presidente da Câmara, para falar neste acto comemorativo, pois, na verdade, não é fácil dar, numa dissertação, forçosamente singela, que tem de ser feita dentro de razoáveis limites de tempo uma ideia aproximadamente fiel, das características, do valor e da importância da originalíssima obra de Manuel Teixeira-Gomes.

Com efeito, essa obra exprime e revela uma tão rica personalidade humana e artística que um breve estudo, como este, não pode chegar pa-

ra dela vos dar uma ideia sequer aproximada; para isso seriam precisos muitos e desenvolvidos ensaios. É verdade que alguns excelentes trabalhos existem já, tanto acerca da vida como da obra do vosso eminente conterrâneo. Lembrarei, por exemplo, a «Vida romanesca de Teixeira-Gomes» de Urbano Rodrigues e o «Exilado de Bougie» de Norberto Lopes, para o estudo e conhecimento da biografia. Acerca da obra devem salientar-se os trabalhos de Tavares Rodrigues: um com o objectivo de servir de «Introdução ao estudo da obra», que não tive ainda oportunidade de ler; e outro, recente, de penetrante comentário acerca de «Teixeira-Gomes e a reacção anti-naturalista». Podem ainda consultar-se com proveito alguns ensaios críticos, mais ou menos breves e acidentais, mas esclarecedores e valiosos da autoria de Castelo Branco Chaves, o incansável e fiel testamenteiro literário do escritor, de Julião Quintinha, Rodrigues Lapa, Gaspar Simões, etc. Com o decorrer dos anos aumentará ainda o número dos comentários e dos estudiosos de uma obra que, antes de mais, é dever nosso ler e reler, não só para acerca dela podermos formular opinião pessoal, como principalmente pelo desinteressado prazer de tomar contacto com uma das obras mais originais da nossa literatura contemporânea. E isso é hoje fácil e possível, graças à publicação, em curso da obra completa que a Portugália Editora, em hora de boa inspiração empreendeu e se aproxima do seu termo, devendo, desde já e sem favor, considerar-se esta edição como o mais digno monumento erguido à memória de Teixeira-Gomes, neste ano de consagração



do centenário. Seria injusto esquecer, neste momento comemorativo, uma tal contribuição para o conhecimento do legado literário do artista incomparável. Seria injustiça não indicar que o emprehendimento se deve a um algarvio também e que foi, suponho, amigo do escritor: o Sr. Agostinho Fernandes. Nesta reedição que procura ser integral, já apareceu um I volume de «Correspondência» com políticos e diplomatas, que revelou elementos novos não só sobre o homem, como importantes para o esclarecimento e valorização da sua patriótica acção diplomática. É pois natural esperar novos trabalhos que completem mais minuciosamente a biografia já apurada, elucidando-nos objectivamente acerca do político independente que ele foi e que, por ter querido continuar a ser, entendeu dever renunciar à Presidência da República.

E também não deixará de fazer-se o estudo completo e imparcial do seu labor diplomático, como representante do nosso país, em Londres em Madrid, e na Sociedade das Nações, em tempos e em circunstâncias que não foram decididamente de rosas sem espinhos.

Por outro lado, a obra, agora tornada mais acessível, não deixará de despertar novas curiosidades a novos comentadores pois muitos e variados são os aspectos e as facetas a considerar, como, por exemplo, os que definem e caracterizam o epistológrafo, o viajante, o autor de ficção, o dramaturgo, o humorista, o peregrino devoto de monumentos e museus, o impressionista da paisagem, o prosador e o estilista, o crítico de

arte, seguro e sabedor o esteta, esclarecido e culto, e sei lá quantos mais.

E, assim como não faltam na obra do escritor das mais belas páginas da nossa língua para entusiasmar os simples leitores, nela abundam igualmente motivos de sugestão para desencadear a curiosidade interpretativa de estudantes e estudiosos.

Pela nossa banda contentemo-nos com a tentativa de esboço de um perfil literário aceitável, apesar da intenção apologética, que as circunstâncias de um acto de homenagem justificam e impõem.

Minhas senhoras e meus senhores:

Se não estou enganado, o traço mais profundamente característico o caracterizador da original personalidade de Teixeira-Gomes, quer como homem vivente, quer como artista e escritor, é o que resulta do facto de ter nascido no Algarve, filho e descendente de algarvios.

Peço a V. Ex.<sup>as</sup> que não atribuam quaisquer intenções de mero cumprimento ou lisonja a esta afirmação, pelo facto de estar a ser feita a uma assembleia em que predominam naturalmente algarvios. E pode, à primeira vista parecer menos correcta a propósito de um artista que, mais que nenhum outro, nado e criado no Algarve, durante mais tempo viveu fora da sua província e foi, além disso, pelas suas repetidas peregrinações na Europa e à roda do Mediterrâneo, o que mais



dizagem. Mas a circunstância de ter nascido algarvio não só lhe condicionou grandemente a formação mental e o desenvolvimento psíquico, como ainda contribuiu para lhe dar forte sugestão de luminosa clareza no meio predilecto de expressão, ou seja a prosa.

Todavia será preciso acrescentar que na elaboração e no apuro desse instrumento de expressão, além dessa influência, por assim dizer ambiente, entrou um outro ingrediente de suma importância: a leitura reflectida dos nossos clássicos, antigos e modernos: Camões, Fernão Mendes Pinto, Fr. Luís de Sousa, P. Manuel Bernardes, Castilho e Camilo. É o que se pode concluir dos repetidos elogios que deles faz, e de quem chega a dizer:

«Eu reputo esses homens que nos aformosearam e enriqueceram a língua, tão grandes como os maiores sábios seus contemporâneos...».

Claro está, repito, que se realmente não tivesse nascido com o dom de escrever, nenhuma influência o teria tornado escritor. Mas uma vez descoberta a vocação, o gosto, o prazer de escrever, escrevia, como diz, «pelos cotovelos». O uso fez o mestre. Mas um uso esfoçado, no sentido de constante aperfeiçoamento, num trabalho incessante de afinamento que lhe apurou a prosa e lhe deu o domínio perfeito de um estilo capaz de exprimir todas as subtilezas da meditação estética e de impressivamente fixar, com palavras, todos os matizes e variações da cor de uma tela de museu ou de uma paisagem evocada. Mas este domínio resultou, em Teixeira-Gomes, como em to-

dos os artistas da palavra, não só da pura inspiração, mas muito do trabalho:

«... é sobretudo o estilo que demanda tanta canseira, obstinação e trabalho». Assim nos esclarece numa das cartas de «Miscelânea». E quase no final insiste:

«Esse trabalho de ferreiro que passa da forja à bigorna, e daí à lima, é simbólico de todo o esforço de perfeição e muito especialmente nas obras de pensamento. Aqui, porém, ela é mil vezes mais difícil de alcançar, embora a matéria prima pareça bem mais maleável e dúctil do que o ferro. Há que dar-lhe expressão, e a faina de corrigir e recorrer a frase não conhece limites».

Porque, diz ainda noutro passo:

«Na obra de arte o que importa, sobretudo, é chegá-la quanto possível à perfeição, e isso não se consegue senão à força de laboriosa pertinácia».

Para o escritor, portanto, constituia um dever este esforço de aperfeiçoar a linguagem, este culto da expressão justa. Assim o exigia a sua ética de artista da palavra escrita. E, por imperativos daquilo a que chamava «a moral pequenina, a comezinha, a que serve na higiene diária da vida usual, e essa é indispensável à arte. Refiro-me ao estudo metódico, ao trabalho incessante, à aspiração pelo que é perfeito, ao insaciável desejo de realizar que dignifica e aformoseia a existência». Pois, «não será a obrigação de trabalhar a base da moral humana, e que ao mesmo tempo nos fornece o principal instrumento da felicidade»?

Podíamos multiplicar as citações, em que



repete e reafirma este dever de apurar o estilo para se chegar a escrever bem.

Talvez por isto alguns críticos lhe chamaram prosador e estilista, querendo com tal dizer que foi esse o seu supremo objectivo como artista.

Cremos que não. Teixeira-Gomes, artista nato, profundamente dotado para a expressão pela palavra escrita, procurou, com admirável, consciente e conscienciosa aplicação, atingir o máximo possível de perfeição, no uso e manejo da sua arte: a arte da palavra.

E conseguiu-o, sem dúvida, elevando-se ao nível, merecido, de clássico da língua, quiçá o primeiro deste século XX.

Mas será justo limitar-lhe o alcance da obra entalando-o, atado de pés e mãos, dentro das limitações que sugere esse rótulo de estilista, como se não tivesse passado de mero exercício de literatura e não tivesse antes resultado de uma profunda necessidade do seu ser?

Creio bem que só se pode responder pela negativa. E fundo-me para isso, tanto no que realizou na própria obra como no que disse em múltiplas afirmações. Da obra falaremos adiante. Neste momento importa dar a resposta do próprio autor aos que o rotulam simplesmente de estilista.

Escreveu em «Agosto Azul»:

«O estilo não é, e talvez nunca fosse, mais do que a tendência constante para a perfeição pessoal, a exclusiva maneira, rude ou elegante, de exprimir que satisfaça o escritor e quem nada tem que dizer também não tem estilo algum».

Ora estilo muito pessoal e muito seu, tinha-o

e inconfundível. Os livros o demonstram. E se os escreveu foi porque sentiu a necessidade e o prazer de os escrever; se os escreveu foi porque tinha alguma coisa que dizer. No trabalho de o dizer é que apurou o estilo. Uma coisa não vai realmente sem a outra.

Aqui ficava bem falar doutamente da sua concepção da vida, explicar subtilmente a génese da obra, expor, enfim com agudeza original em que consiste a sua mensagem de artista. É-me mais fácil, e para V. Ex.<sup>as</sup> mais proveitoso, evitar esses três novos temas para outros tantos ensaios, de evidente interesse e remeter a vossa naturalíssima curiosidade para o esforço, aliás cheio de agrado e de vantagens de toda a ordem a colher na leitura da obra e, em especial, da carta a João de Barros da «Miscelânea» e dos admiráveis solilóquios finais das «Cartas a Columbano» que constituem um pequeno e lucidíssimo tratado de estética.

Um outro aspecto do perfil literário de que tentamos o esboço é o da relação, que convém fazer, em linhas muito gerais, da vida do homem Teixeira-Gomes com a sua actividade literária.

Podemos talvez considerar um esquema de quatro fases distintas, em que resumidamente se desenrolam as principais experiências da sua existência.

Uma primeira, até cerca dos quarenta anos de idade, que é, por assim dizer, de aprendizagem da vida e de incubação do escritor; toda esta primeira fase abrange naturalmente um período de estudos escolares, na altura própria, que não che-



garam ao termo normal de um diploma regular; seguem-se uns tantos anos de «boémia descabelada», em que trava relações de amizade com escritores e artistas; vêm depois cerca de vinte anos de actividade comercial proveitosa e bem aproveitada, em que alcança uma «invejável independência económica» que lhe permitiu viajar pela Europa e pelas regiões ribeirinhas do Mediterrâneo, com inegáveis e inegaláveis vantagens para a sua formação intelectual e desenvolvimento do gosto pelas artes.

Numa segunda fase, iniciada por cerca dos quarenta anos, estabiliza-se na sua terra natal e na vida familiar com aproveitamento dos ócios de homem abastado, numa actividade de criação artística, que se estreia, assim, um pouco tardiamente para o costume, em plena maturidade do escritor, com o curiosíssimo «Inventário de Junho». São desta fase as «Cartas sem Moral Nenhuma», a comédia dramática «Sabina Freire e «Gente Singular».

A terceira fase da vida do escritor decorre, a partir dos cinquenta e um anos, inteiramente preenchida no serviço da Nação, como diplomata em Londres, Madrid e na Sociedade das Nações e como Chefe de Estado. São uns catorze ou quinze anos de intensa actividade e acumulação de novas experiências.

A fase final é a do exílio voluntário, que vai até à morte, aos oitenta e um; vive-a o escritor em viagens pela Europa e pelo Norte de Africa, onde se fixa. Durante este período último da sua existência, regressa à literatura, que quase completamente abandonara, mas dedicando-se agora

de preferência à recapitulação da sua vida de viajante e peregrino da arte e à evocação regressiva, sob o signo da saudade, mas de uma saudade viril, das suas experiências de artista.

Regressando nós também um pouco atrás ao esquema deste esboço, reparemos em que a descoberta da sua capacidade de escrever e o apetite e o prazer de se realizar como escritor, surge tardiamente, em plena maturidade; essa capacidade deve ter nascido muito antes e provavelmente estimulada pelo convívio accidental e epistolar, mantido durante a fase, digamos de pré-criação, com os escritores e artistas que conheceu nos tempos da boémia post-escolar.

A leitura de «Inventário de Junho» deixa-nos esta saborosa impressão de um livro de tentativas e experiências várias, com amostras de vários géneros: temas de ficção e impressões de viagem, processo epistolar e de evocação de casos e pessoas com páginas de humor sadio e uma obra-prima de impressionismo descritivo: a que tem por título: «Vento Levante».

Logo neste primeiro volume está à vista a originalidade do escritor, na maneira muito pessoal do seu estilo. Nele se desenham os dois planos em que vai desenvolver-se a futura actividade literária: o plano da ficção e da imaginação criadora e o plano do espectador culto e sensível da paisagem e das obras de arte, das pessoas e das coisas.

O segundo livro integra-se e classificar-se-á mais nesta segunda faceta do que na de ficção. E sem dúvida que atinge nestas «Cartas sem moral nenhuma» momentos extraordinários de per-



do seu passado não se limitava a ver a paisagem e a colher na vida dessas imagens rápidas. O escritor viajante focava a sua infalível objetiva nos monumentos e nos museus com esclarecido e lúcido discernimento crítico e uma cultura de autêntico especialista. Uma outra abundante antologia de trechos colhidos na obra podia ilustrar este título: «Monumentos e museus vistos por Teixeira-Gomes».

Essa antologia nos daria visões incomparáveis de catedrais, igrejas, palácios, galerias de pintura e escultura e mesmo de telas expostas nos museus, descritos, quase sempre, à distância no espaço e no tempo, pelo processo que o próprio autor classificou de «exotismo às avessas», em evocações tão primorosas como exactas. Quase todo o volume de «Regressos» poderia ser incluído nessa antologia.

Este esboço de perfil está, no entanto, longe ainda de apresentar todas as características que juízo fundamentais. Para que o perfil do escritor fique semelhante e de modo a que se possa dizer como do famoso retrato de Camões pelo pintor japonês que o pintou na Índia, que dizem ter parecenças, falta-nos ainda indicar alguns traços mais.

Ora, uma dessas facetas, e das mais curiosas é a do epistológrafo.

No género epistolar se deve ter revelado ao próprio artista a sua vocação de escritor. Porquanto afirma numa das cartas da «Miscelânea», que toda ela é composta de cartas, «dada a fúria epistolar que desde muito novo me atacou», o que parece sugerir que o simples prazer de escrever

esteve na origem de escrever para publicar; e ainda que esse prazer de escrever cartas nasceu quando era jovem. Repare-se que a apresentação do «Inventário de Junho» está escrita em tom de epístola. Formados de cartas são os volumes de «Miscelânea» e «Cartas a Columbano» e agora o já citado recente volume I de «Correspondência». E cartas são as que baptizou de «sem moral nenhuma».

Fiel ao seu primeiro amor da juventude pelo género epistolar, porque, como dirá mais tarde, «satisfaz plena e simultaneamente o egoísmo e a preguiça, minhas virtudes capitais» a ele volta, na altura da recapitulação da sua existência, depois de solto de Belém, quando o prazer de peregrinar de novo pelas terras e países já mais de uma vez vistos e revistos, sentiu a imperiosa necessidade de convívio e de conversação. Longe dos amigos, escrevia-lhes, a todos respondendo por ordem cronológica das cartas que recebia. E, contudo, partira de Lisboa, resolvido a calar-se; «mas, confessa a Manuel Mendes, não contava com a irresistível e corrosiva saudade da língua natal, que na solidão da existência que escolhera, só achava lenitivo ou apaziguamento, escrevendo. Escrever, porém, o quê? Onde procurar elementos e subsídios para um livro que me trouxesse, dia a dia, hora a hora, preso aos encantos da minha língua no que ela tem de mais familiar e enternecido, sem me cansar ou enjoar e substituisse ou provesse à falta de convívio e de conversação»?

Daí a necessidade de «um leitor seguro... o que dá à correspondência epistolar o calor pecu-



liar de um diálogo sem fim, e o tom afectivo, ambos igualmente agradáveis a quem vive absolutamente só.»

Nas suas cartas fala-nos o artista das suas viagens de peregrino da arte e de todos os temas que o enlevam constituindo quase sempre cada uma de per si, na sua extensão desigual, e no interesse diferente que em nós desperta, um ensaio de crítica, um esclarecimento autobiográfico uma meditação sobre um artista ou uma obra de arte, etc; e, como tudo o que tem sido publicado, cada carta é uma pequena obra-prima e um modelo de prosa.

A cada passo da obra topamos com o espírito de humor, que é outra faceta indispensável no risco do perfil do artista. Topamo-lo nas obras de ficção, topamo-lo nas cartas, topamo-lo nos primeiros tanto como nos últimos livros. Humor de pessoa culta, de homem educado, humor de aristocrata da inteligência, humor que frequentemente nos faz sorrir, quando, por exemplo, nos conta o episódio de uma mala à solta no camarote de um navio, numa travessia do Mediterrâneo com mar agitado, ou quando nos narra o conto do «china e da formiga branca». Bom modelo deste humor é o que ilumina esta página:

«Logo na primeira semana estive para deixar o «Voltaire», porque nesta hospedaria de ínfima ordem e magnas pretensões, têm o topete de cobrar três francos por cada ovo escaldado, servido ao pequeno almoço. É verdade que no «Noailles» de Marselha, contavam cinco, mas é o primeiro hotel da cidade, os ovos tinham dimensões que não envergonhavam qualquer galinha decen-

te e traziam estampados na casca o retrato das mães, além de uma notícia histórica ou biográfica, narrando por datas as passagens principais da sua existência desde a expulsão do orifício materno até ao banho final na água a ferver. Os ovos do hotel «Voltaire», a que de bom grado renunciei, não excediam no tamanho o máximo que é lícito esperar das acanhadas entranchas de uma pomba, e ressentiam-se da origem chinesa por um fartum especial, que logo denunciava, na sua confeição, a colaboração humana. Se houve jamais falaz miragem, atrás da qual a humanidade corre desvairada, é decerto o do ovo fresco de galinha. Fresco se conserva oito dias, e depois, durante seis meses, por poucos cuidados que lhe dispensem, ele mantém-se inalterável na sua meia-frescura, o que permite importá-lo das mais longínquas paragens do universo.

Quisesse eu agora assombrá-lo, com a vastidão e o inesperado da minha sabedoria, e dizia-lhe tudo quanto se pode apurar, com segurança, acerca do ovo de galinha, pois estudei-o a fundo. Mas é matéria muito vasta para caber nos limites da correspondência familiar. A verdade é que boa metade dos ovos que se consomem na Europa vem da China.»

Isto escrevia o autor em carta a um amigo «sobre coisas mínimas e máximas» com a graça leve e desenfastiada que faz sorrir o mais sisudo.

Mas não é só na correspondência com os amigos que usa desse requinte de espírito culto. O sentido do humor anima e ilumina as páginas



de ficção. Basta que nos lembremos de «Gente Singular», em que para remate de cada conto ou narrativa, nos surpreende com o inesperado de uma situação que nos diverte e faz sorrir. O sorriso que é apanágio do homem culto e que às coisas sabe dar o valor que elas têm.

O perfil do escritor precisa ainda de um traço capital que no-lo apresente no seu aspecto de crítico de arte. É verdade que já no começo desta conversa pegada, lembrei a V. Ex.<sup>as</sup> o interesse da «Miscelânea» e, em especial, das «Cartas a Columbano», em que o apreciador esclarecido das obras de arte se nos depara com toda a agudeza penetrante de uma profunda e séria cultura artística. Mas, como para outros aspectos da obra de Teixeira-Gomes, poder-se-ia, na verdade, também fazer uma larga selecção de páginas e páginas com as apreciações do escritor a artistas portugueses, como Columbano, Sousa Lopes, ou Luciano Freire. E nessa escolha caberiam ainda as considerações frequentes na obra, sobre pintura e escultura de todos os países da Europa, representadas nos museus. E não poderia esquecer-se o que diz sobre música e músicos; até acerca da música de jazz.

Esse crítico de artes plásticas de invulgar perspicácia e de intuição segura fizera acerca dos problemas da arte e da expressão plástica longas e preciosas meditações estéticas de que são prova esses lucidíssimos solilóquios que figuram nas «Cartas a Columbano»; as falas do autor sobre a arte e as artes, já só consigo mesmo, depois da morte do interlocutor. Não será fácil encontrar em outro qualquer escritor um tão perspicaz

apreciador e crítico de arte como foi Teixeira-Gomes.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Estão já largamente ultrapassados os limites razoáveis dentro dos quais conviria ter cumprido a obrigação assumida perante V. Ex.<sup>as</sup>. Mas o entusiasmo pôde mais que o bom senso e chego a esta altura com o esboço do perfil ainda muito incompleto. Faltou-me ter falado mais amplamente como seria justo da obra de ficção; faltou-me ter desenvolvido o tema do enamorado da Beleza plástica, não só nas representações em que essa Beleza é interpretada pelos escultores e pintores, mas na realidade viva e vivida dos corpos belos e sadios. E, por sem dúvida, este aspecto é em Teixeira-Gomes também essencial. Faltou-me ter indicado os valores éticos que lhe serviram de guia durante a existência; quero dizer, faltou-me estudar os aspectos da sua fisionomia moral. Faltou-me... ter requerido muitas horas, em vez da que me foi atribuída. Mas os factos são o que são. E o facto é que eu, desde o princípio, não fiz mais do que a tentativa de traçar o esboço de alguns aspectos do perfil do escritor. Ninguém pode censurar Columbano por ter desenhado estudos e mais estudos antes de ter acertado no retrato oficial do Presidente Teixeira-Gomes. Seria injusto exigir de um trabalho confessadamente parcelar aquilo que ainda não pôde ser feito em obra completa de detido e prolongado estudo.